

A close-up, high-contrast portrait of a young woman with dark brown hair and light green eyes. She is wearing a white turtleneck sweater and a small, gold-colored hoop earring. The lighting is dramatic, with strong highlights on her forehead, nose, and cheekbones, while the rest of her face and hair are in deep shadow. The background is a solid, dark grey.

Yellow Special Interview

Isadora Ruppert

Arte • Cinema • Cultura • Música

carta *do* editor

Nesta edição, voltamos o olhar para um cinema brasileiro que insiste em confrontar o tempo, a memória e as estruturas de poder. Em conversa exclusiva, **Isadora Ruppert** se revela para além da intérprete, uma artista que entende o ofício como gesto político e instrumento de preservação histórica, dimensão que se adensa em ***O Agente Secreto***, novo longa de **Kleber Mendonça Filho**.

Sua trajetória recente, marcada por personagens atravessadas por feridas coletivas, acompanha o movimento de um audiovisual que ganha projeção internacional sem abdicar de sua complexidade. Há, em suas escolhas, uma coragem que nos mobiliza, a de transformar inquietação em linguagem e responsabilidade em criação.

Também atravessa esta edição a noção de pertencimento. Do maracatu aos palcos, do cinema às epifanias do cotidiano, emerge um Brasil múltiplo, inventivo e espiritualmente resistente, que encontra na cultura um campo de permanência.

Que esta leitura seja convite à reflexão, sobre as histórias que contamos, as memórias que preservamos e os futuros que ainda podemos imaginar a partir da arte.

Boa leitura!

Carlos Mozzmann
EDITOR CHEFE
Yellow Magazine

YELLOWMAGAZINE

para almas sensíveis e mentes inquietas

ISADORA Ruppert

Entre memória, política e criação, a atriz transforma a arte em território de confronto histórico e afirmação ética

texto por CARLOS MOSSMANN

fotografia por JULIETA BACCHIN

No momento em que o cinema brasileiro volta a ocupar o centro do olhar internacional, **Isadora Ruppert** consolida uma presença artística vinculada a obras que tensionam poder, memória e ética. Em **O Agente Secreto**, de **Kleber Mendonça Filho**, ao interpretar Daniela, reafirma um eixo que atravessa sua trajetória, a arte entendida como instrumento de debate público e preservação histórica. “*Sem incômodo não há mudança*”, afirma, sintetizando não apenas uma perspectiva estética, mas também um posicionamento ético diante do ofício.

Ao se aproximar de personagens atravessadas por feridas históricas, a atriz não se ancora em jargões técnicos, prefere a precisão do propósito. Papéis como o de Daniela a mobilizam por tratarem de temas que o país ainda precisa encarar com franqueza, abrindo discussões frequentemente evitadas e trazendo à superfície questões estruturais

do passado. Para Isadora, compreender a história e preservar a memória são condições indispensáveis para qualquer avanço coletivo, e é justamente nessa zona de fricção que seu trabalho encontra densidade e sentido.

A ditadura militar, recorrente em parte significativa do cinema nacional contemporâneo, não representa para a artista apenas um recorte dramatúrgico. Trata-se também de uma memória íntima. Cresceu ouvindo relatos da avó, perseguida durante duas décadas, além de histórias que atravessam sua própria família. Ao participar de obras ambientadas nesse período, já são três projetos relacionados ao tema, revisita um arquivo afetivo que o cinema ajuda a converter em experiência compartilhada. O set transforma-se, assim, em espaço de elaboração e, em alguma medida, de reparação simbólica. “*O meu maior aprendizado é poder dizer o que a minha avó não conseguiu dizer, contar a história que ela viveu por meio do meu trabalho.*”





Entre festivais e marcos recentes, sua trajetória passa a dialogar com um Brasil que insiste em existir pela via da criação. Cannes e a possibilidade de aproximação com o Oscar surgem como celebrações legítimas, ainda que vividas sem deslumbramento. A atriz comprehende esses acontecimentos como desdobramentos de uma persistência coletiva, a de um cinema que resiste, organiza-se e floresce apesar das adversidades estruturais. Viver de arte no país, sustenta, é em si um gesto político cotidiano. *“Escolher ser artista e viver da arte no Brasil é um ato de resistência por si só.”*

Seu olhar para o Brasil recusa simplificações. A vivência com o Maracatu de Baque Virado, a partir do grupo Tambores de Olokun, reconfigurou sua percepção de corpo, pertencimento e identidade nacional. Dali emergiu a convicção de que a cultura popular constitui um vasto território de saber, guardado por mestres que precisam ser escutados com atenção. A experiência também lhe legou uma ética de presença, sintetizada no ensinamento que carrega para a vida, chegar com calma, ouvir com respeito e reconhecer camadas anteriores à própria chegada.

É esse Brasil pulsante que a artista deseja projetar para o mundo, um país de imensa diversidade cultural, capaz de celebrar mesmo diante das dificuldades, criativo, engajado e espiritualmente resistente. Em sua fala, desfilam referências que vão do coco ao jongo, do cavalo-marinho ao maracatu rural, dos caboclinhos à rabeca, passando pela força de **Chico Science**, compondo um mosaico que reivindica centralidade simbólica.

“A CULTURA POPULAR É UMA FACULDADE INFINITA. QUANDO VOCÊ PARA E ESCUTA O QUE OS MESTRES DA NOSSA CULTURA TÊM A ENSINAR, VOCÊ SE TRANSFORMA COMO PESSOA. É MUITO CONHECIMENTO, MUITA BELEZA. ESTABELECER UMA CONEXÃO PROFUNDA COM UMA MANIFESTAÇÃO POPULAR É SE DEPARAR COM O BRASIL NU E CRU.”







No campo estético, Isadora demonstra inclinação por zonas em que a arte desestabiliza o espectador, retirando-o da passividade. O incômodo opera, para ela, como dispositivo de deslocamento e ampliação de perspectivas. Ao falar de **O Agente Secreto**, descreve a obra como provocativa e inquietante no melhor sentido, capaz de suscitar perguntas, friccionar certezas e reeducar o olhar.

Se o cinema a projeta para fora, o teatro a reconduz ao ponto de origem. A parceria com a **Má Companhia** e o retorno aos palcos funcionam como reencantamento e eixo de gravidade. Estar em cena, diz, é experimentar inteireza absoluta, corpo, ofício e presença alinhados. O palco é, em suas palavras, o santuário do ator, lugar onde tudo acontece e onde o pertencimento se manifesta de forma plena.

Essa solidez também se ancora em sua formação. O Tablado lhe ensinou a ser pessoa de teatro, a compreender a disciplina e a devoção que o ofício exige. Já a graduação na UNIRIO, em universidade pública, ofereceu estrutura crítica, encontros decisivos e redes de trabalho que permanecem vivas, uma base que sustenta não apenas a carreira, mas o pensamento artístico.

Nem por isso o percurso deixa de abrigar zonas de respiro. Em Pequenas Epifanias, projeto que desenvolve nas redes, Isadora exerce um olhar atento ao cotidiano, revelando delicadezas naquilo que costuma passar despercebido. Uma reflexão recente sobre o **JOMO**, a alegria de estar de fora, provocou tanto um movimento de autoconhecimento quanto questionamentos sobre os modos contemporâneos de

presença. A indagação permanece em aberto, suspensa entre a preservação emocional e a vida social.

Ao evocar Cannes, uma imagem ainda a visita com nitidez, a entrada no tapete vermelho dançando frevo ao lado de *"Os Guerreiros do Paço"*. Um instante de afirmação coletiva que sintetiza força cultural e alegria. Já diante do público de **O Agente Secreto**, o desejo é outro, que os espectadores se reconheçam na obra, profundamente brasileira, plural e viva, capaz de reafirmar a centralidade da memória e da integridade ética.

Há, por fim, uma coragem que atravessa suas escolhas, a de tocar em temas políticos e históricos sem dissociar criação de posicionamento. A atriz entende a missão de ser atriz como compromisso com aquilo em que acredita, um gesto de olhar para o que incomoda e, de algum modo, tentar transformar. Entende também que artistas carregam voz e responsabilidade, e que a preservação da memória coletiva é fundamento de qualquer futuro possível.

Ao condensar a própria trajetória, recusa simplificações fáceis e deixa espaço para o mistério que também rege os caminhos artísticos: *"A vida é feita de talento e sorte, uma parte é nossa e a outra é o que o mistério da vida pode nos proporcionar. Entregue-se à sua jornada, desfrute e cresça durante a trajetória."*

Entre herança, consciência e criação, Isadora Ruppert afirma uma presença que ultrapassa a tela e nos recorda que determinadas histórias não são apenas interpretadas, são continuadas..



Quer criar projetos especiais conosco? Estamos sempre abertos a novas ideias, parcerias criativas, branded content e oportunidades de publicidade. Seja para desenvolver conteúdos exclusivos, colaborar em pautas inovadoras ou criar campanhas que conectem marcas e leitores, estamos prontos para ouvir você.

Entre em contato e vamos conversar:

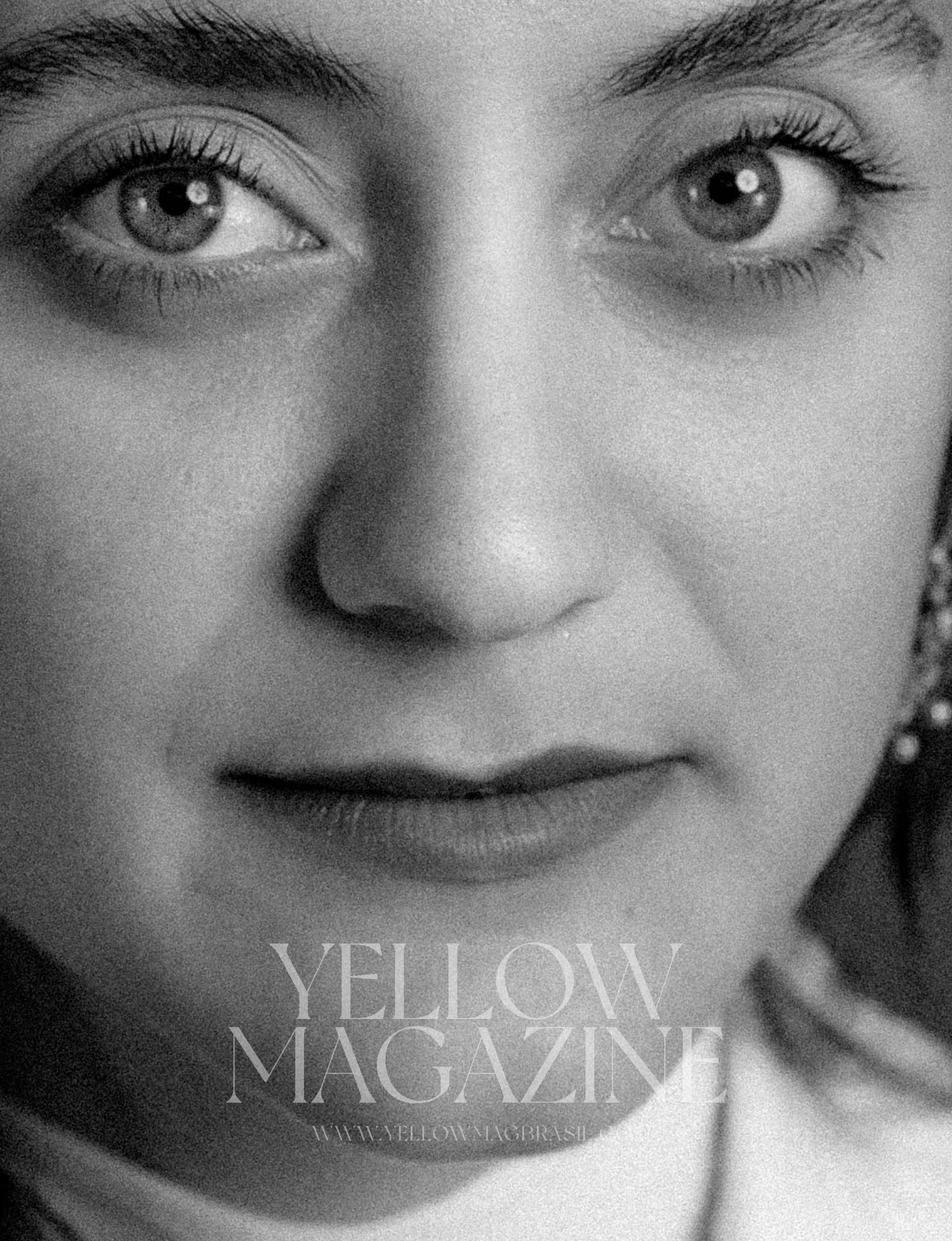
Para Pautas: contact@yellowmagbrasil.com

Para Publicidade: yellowmag@vaideonda.com.br

www.yellowmagbrasil.com



ESCANEIE O QR CODE PARA NOS
ACOMPANHAR NO **INSTAGRAM**.



YELLOW MAGAZINE

WWW.YELLOWMAGBRASIL.COM